



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Educação e Divulgação Científica
Campus Mesquita

Thais Teixeira Santana

**A RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E ARTE E O MUSEU DE
IMAGENS DO INCONSCIENTE: um estudo de artigos científicos**

Mesquita, RJ
2022

Thais Teixeira Santana

**A RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E ARTE E O MUSEU DE
IMAGENS DO INCONSCIENTE: um estudo de artigos científicos**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do título
de Especialista em Educação e
Divulgação Científica.

Orientadora: Prof.^a Me. Ludmila Nogueira da Silva

S232r

Santana, Thais Teixeira.

A relação entre ciência e arte e o museu de imagens do inconsciente: um estudo de artigos científicos. Rio de Janeiro: Mesquita, 2022.

26 p.

Trabalho de Conclusão (Curso especialização em Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Divulgação Científica.) do IFRJ / Campus Mesquita, 2022.

Orientadora: Prof. Me. Ludmila nogueira da Silva.

1. Ciência e arte. 2. Museu de imagem do inconsciente. 3. Pesquisa Bibliográfica. I. Santana, Thais Teixeira. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

TCC/IFRJ/CMesq EDC/PG


Thais Teixeira Santana

A RELAÇÃO ENTRE CIÊNCIA E ARTE E O MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE: um estudo de artigos científicos


Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do título de
Especialista em Educação e Divulgação
Científica.

Aprovada em 22/02/2022.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 LUDMILA NOGUEIRA DA SILVA
Data: 12/07/2022 13:06:47-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Me. Ludmila Nogueira da Silva
Orientadora/IFRJ

Documento assinado digitalmente
 LEDA GLICERIO MENDONÇA
Data: 12/07/2022 17:59:45-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof.^a Dr.^a Lêda Glicério Mendonça
IFRJ



Prof.^a Dr.^a Maylta Brandão dos Anjos
UNIRIO

Mesquita, RJ

RESUMO

O Museu de Imagens do Inconsciente (MII) foi criado pela psiquiatra Dr.^a Nise da Silveira e sua equipe com intuito de oferecer um tratamento psiquiátrico humanizado aos pacientes com transtornos mentais, por meio das artes, como: desenhos e pinturas. O tratamento acontecia sob a espontaneidade de produções de obras de arte feitas pelos pacientes no ateliê de pinturas, criado em um espaço dentro do hospital psiquiátrico. Uma grande quantidade de obras de arte foi produzida e, depois, analisada sob os olhares clínicos da Nise, possibilitando conhecer o mundo interior dos pacientes e promovendo o bem-estar, abolindo assim tratamentos desumanos, que ocorriam naquele espaço, antes da chegada da médica. O trabalho desenvolvido, tornou-se conhecido no meio acadêmico e artístico, pois proporcionava a união entre a ciência e a arte neste processo. Esta pesquisa qualitativa foi iniciada pelo questionamento de como a ciência e arte são abordadas nos artigos sobre o Museu de Imagens do Inconsciente, tendo como objetivo geral analisar o conteúdo de artigos científicos sobre o MII, sob a perspectiva da ciência e arte. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica no Google Acadêmico, para analisar seis artigos científicos, publicados a partir de 2010, sem recorte temporal. Criou-se duas categorias qualitativas: prática (artigos que falam da ciência e arte sendo colocada em prática no museu ou em outros espaços) e teórica (artigos que abordam as questões dos conceitos sobre ciência e arte). Os resultados obtidos foram que quatro artigos se encontram na categoria prática, e dois na teórica, evidenciando que talvez, seja mais visível os benefícios da ciência e arte, no campo prático. Inferimos que, para aplicar a ciência e arte, seja no MII ou em outros espaços, é provável que utilizem as teorias como base.

Palavras-chaves: Ciência e Arte. Museu de Imagens do Inconsciente. Pesquisa bibliográfica.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. CIÊNCIA E ARTE: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS.....	3
2. MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE E NISE DA SILVEIRA.....	6
3. METODOLOGIA.....	9
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	11
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	17
6. REFERÊNCIAS.....	18

INTRODUÇÃO

A ideia para a elaboração desta pesquisa se originou quando ingressei nesta especialização, durante a minha busca para definir qual museu poderia ser o meu objeto de pesquisa. Encontrei o Museu de Imagens do Inconsciente (MII), que me chamou atenção pela sua história e especificidade que considerei relevante para analisar a possibilidade de desenvolverem ações de divulgação científica. Esse museu é um museu de arte e, ao mesmo tempo, suas obras foram e são produzidas por pacientes com transtornos mentais, e servem também como prontuários médicos.

Além disso, destaco os motivos que determinaram a escolha deste museu: sua importância histórica para a psiquiatria no Brasil, que inclui a construção do acervo de pinturas e esculturas produzidas por pacientes com problemas psiquiátricos; e a criação deste museu e o tratamento psiquiátrico, totalmente humanista e ao mesmo tempo lúdico. Nesse ambiente, os pacientes eram estimulados a desenhar e transpor para o papel suas emoções.

As atividades lá desenvolvidas podem contribuir para futuras pesquisas na área de ciência e arte, visto a especificidade do acervo. O Museu de Imagens do Inconsciente, que se localiza no Rio de Janeiro, foi criado pela psiquiatra Dr^a. Nise da Silveira, que desenvolveu um tratamento inovador para os pacientes, na área de tratamento de saúde mental, por meio da arte (desenhos e pinturas), e visando o bem-estar dos pacientes. Criou-se um ateliê de pinturas, que tem como objetivo analisar e entender o mundo interior dessas pessoas, mesclando ciência e arte.

Esta pesquisa se justifica pela importância de analisar, na literatura, como os autores abordam a temática ciência e arte e sua relação com o Museu de Imagens do Inconsciente (MII). Sua importância se dá pelo fato de ser um espaço museal e ao mesmo tempo, uma unidade terapêutica para distúrbios psíquicos, criada a partir do tratamento humanizado, pioneiro no Brasil, por meio das artes. Seu acervo é composto por pinturas em quadros e esculturas produzidas por pacientes com doenças mentais.

Em levantamento bibliográfico preliminar, obtivemos como resposta a escassez de trabalhos similares a este tema, como exploraremos no capítulo de

resultados, e com isso, pretende-se contribuir com o campo do conhecimento da ciência e arte, para futuras pesquisas e análises.

O problema de pesquisa que fundamenta este trabalho é: como a ciência e arte são abordadas nos artigos sobre o Museu de Imagens do Inconsciente?

Como objetivo geral desta pesquisa, buscamos analisar o conteúdo de artigos científicos sobre o Museu de Imagens do Inconsciente sob a perspectiva da ciência e arte. Como objetivos específicos, temos: identificar os artigos disponíveis on-line sobre o Museu de Imagens do Inconsciente que abordam a ciência e arte; descrever a abordagem dada sobre ciência e arte nos artigos; e contribuir para estudos no campo da ciência e arte em museus.

1. CIÊNCIA E ARTE: SIMILARIDADES E DIFERENÇAS

Ciência e Arte são de extrema importância para a sociedade, embora nenhuma tenha mais relevância do que a outra. Neste capítulo, apresentaremos algumas das definições que expressam similaridades e diferenças, como afirma Oliveira (2015):

É possível identificar exemplos históricos da interação entre estas duas áreas do conhecimento, tais como o estudo da anatomia humana - que ainda faz parte dos *curricula* de muitas escolas de arte - ou a forma como a utilização da matemática e da geometria revolucionou a representação da perspectiva durante o período do Renascimento (OLIVEIRA, 2015, p. 3).

No contexto histórico, a revolução científica moderna fez surgir o método científico, que influenciou a separação das disciplinas e áreas do conhecimento, e usando a razão, excluiu todas as ciências que tinham como base a emoção e a subjetividade como, a arte e filosofia, como afirmam Sawada, Ferreira e Araújo-Jorge (2017), havendo assim uma ruptura. A percepção de que ciência e arte se comunicavam, começou com cientistas artistas, como Leonardo da Vinci, Galileo Galilei, que na composição de suas obras, expressavam os dois lados: artístico e científico. Neste sentido, tanto a ciência quanto a arte têm uma percepção da chamada “essência das coisas”, cabendo ao cientista e ao artista a incumbência de desvendá-las, de reinterpretá-las de forma a tornar possível sua compreensão por aqueles que não pertencem a nenhuma das “duas culturas”: a científica e a humanística (SAWADA; FERREIRA; ARAÚJO-JORGE, 2017, p.163).

Entre diferenças e similaridades expostas na literatura sobre ciência e arte, uma das características que igualam e permitem que esses dois campos do conhecimento se unam, é a capacidade de cientistas e artistas usarem a criatividade, por mecanismos diferentes, para expressar suas ideias para a sociedade. Segundo Massarani, Moreira e Almeida (2006), essa relação envolve também a curiosidade humana, o desejo de experimentar e ambas são condicionadas por sua história e seu contexto, imersas na cultura, mas imaginam e agem sobre o mundo com olhares, objetivos e meios diversos.

Em contrapartida, Silva e Neves (2015) expõem um outro olhar sobre a aproximação da ciência com a arte, ressaltando que na ciência ocorre a

dificuldade da inclusão do homem no fazer e no compreender, tornando-o muitas vezes um espectador do conhecimento que se apresenta como algo externo ao ser. Na arte, essa questão é distinta. Nela, se apresentam maiores possibilidades para inclusão do homem como ser participativo, criativo, produtivo. Na arte, valoriza-se mais o aspecto pessoal, subjetivo, contingente humano.

Complementando a afirmação de Silva e Neves (2015), em relação às disparidades que tangem a ciência e arte no processo de fazer, Menezes e Graça (2007) abordam que a maior diferença entre os trabalhos artísticos e a produção científica, é sobretudo consequência das diferentes motivações dos artistas e cientistas: um cientista procura um resultado, para que seu produto possa ser reproduzível, enquanto um artista procura um efeito, que muitas vezes são impossíveis de repetir.

Como informamos anteriormente, a ciência e a arte têm sido cada vez mais trabalhadas em conjunto, seja por pesquisadores de áreas científicas e/ou artistas. Nesse sentido, percebemos a construção de um novo campo do conhecimento, reintegrando essas “duas culturas” que ora eram juntas: o campo da Ciência e Arte, ou ArtScience ou CiênciArte (SAWADA; FERREIRA; ARAÚJO-JORGE, 2017).

Como campo de pesquisa, está em constante crescimento nos últimos anos. Diversos espaços já compreendem o campo único da ciência e arte, como é possível perceber em exposições, museus, universidades e programas de pós-graduação, dentre outros, até mesmo como auxiliar da educação formal e também da não formal, como por exemplo, em espaços de divulgação científica. Sobre esse último exemplo, podemos dizer que a utilização da ciência e arte, tanto no passado como atualmente, podem estar unidos em prol de uma educação ampla e conscientizadora e contribuir para o desenvolvimento da sociedade, especialmente em ambientes não formais de educação, como museus, por exemplo. Sawada, Ferreira e Araújo-Jorge (2017, p.172) afirmam que:

As atividades integradoras de Ciência e Arte assumem o pressuposto de que a associação da arte à educação científica possibilitará aos educadores, e aos seus futuros alunos, desenvolver novas intuições e compreensões através da

incorporação do processo artístico a outros processos investigativos, bem como construir um discurso interno e público sobre a relação entre arte, ciência, atividades humanas, e tópicos relacionados a atividades multidisciplinares e multiculturais (Sawada, Ferreira e Araújo-Jorge, 2017, p.172).

Nesse contexto, trazemos como exemplo de um espaço não formal o Museu de Imagens do Inconsciente (MII), que promove essa íntima relação entre ciência e arte. A criação do MII e sua relevância no meio acadêmico e artístico iniciou-se com a sua relação com a ciência e arte, onde pacientes internados com transtornos mentais foram incentivados a fazer desenhos e esculturas de uma forma livre, para expressarem suas emoções. A proposta do museu foi unir ciência e arte por meio de exposições de trabalhos artísticos dos pacientes tratados ali, aliados ao tratamento psiquiátrico e da arteterapia serão abordados a seguir.

2. MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE E NISE DA SILVEIRA

Neste capítulo, iremos abordar o contexto histórico e atual do espaço museal, criado pela psiquiatra Nise da Silveira, pioneira no tratamento humanizado de pessoas com transtornos mentais no Brasil.

Para falarmos sobre o Museu de Imagens do Inconsciente (MII), não podemos deixar de relatar o seu início, sobre o Hospício Pedro II, inaugurado em 1852, no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, durante o período imperial. Em sua criação, tinha o objetivo de manter afastados e isolados da sociedade pessoas com transtornos mentais, para assim poder tratá-los clinicamente. Esse hospício durou por alguns anos, até sofrer superlotação e críticas da sociedade pelo tratamento desumano dado aos pacientes. Criou-se a partir desses fatos, duas colônias que funcionavam como extensões do hospício, e, especificamente, foi a localizada no bairro do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, que se tornou o Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, para atender todas as pessoas com transtornos mentais, incluindo os transferidos do Hospício Pedro II, após a extinção dessa unidade. Atualmente, se denomina Instituto Municipal Nise da Silveira e o espaço que pertencia ao hospício, pertence à Universidade Federal do Rio de Janeiro¹.

A médica psiquiatra Nise da Silveira, chegou ao Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II em 1944, assumindo seu cargo após um período de prisão, durante o governo de Getúlio Vargas. Observou a maneira desumana com que os pacientes eram tratados, com métodos agressivos como eletrochoques, lobotomia e amarrados a camas e se recusou a utilizar esses tratamentos em pacientes, que os outros já médicos utilizavam. Devido a sua discordância, foi transferida para o setor de Terapia Ocupacional, setor rejeitado por muitos médicos da instituição. Nesse ambiente, em 1946, criou um ateliê de pintura, juntamente com o artista plástico Almir Mavignier. Como afirma Toledo (2012), a criação do ateliê realizada por uma médica e um artista, permitiu que as obras ali produzidas pelos pacientes contribuíssem para campos do conhecimento diferentes, formando novos paradigmas:

¹ Centro Cultural do Ministério da Saúde. Disponível em <<http://www.ccms.saude.gov.br/hospicio/colonias2.php>>

O fato de o ateliê ter nascido da colaboração entre uma psiquiatra em desacordo com os métodos de tratamento então empregados e um artista plástico não integrado aos cânones do academicismo marcou um momento de convergência entre novos paradigmas estéticos que começavam a se esboçar no país e uma nova abordagem no campo da terapêutica ocupacional e, ao mesmo tempo, contribuiu para modular aqueles novos paradigmas. (TOLEDO, 2012, p.2)

Com o objetivo de mudar aquele cenário de condições precárias, buscando melhorar a qualidade de vida daquelas pessoas internadas e, com isso, amenizar os sintomas da esquizofrenia, a psiquiatra e o artista começaram a desenvolver atividades lúdicas com pinturas e esculturas, para que a partir desses trabalhos pudessem entender o mundo interno dos pacientes, analisando clinicamente as pinturas, que se tornariam obras de arte. Também era desenvolvida por eles a musicoterapia, com a colaboração de Yvonne Lara da Costa, mais conhecida como D. Ivone Lara, que teve grande contribuição para a Terapia Ocupacional no Brasil.

A Terapia Ocupacional (TO), um campo do conhecimento, que visa ajudar as pessoas a realizarem suas atividades cotidianas, desde a higiene ao lazer, quando não conseguem por alguma limitação física ou psíquica². D.Ivone Lara, contribuiu muito no tratamento psiquiátrico e humanizado dos pacientes por meio da música, no setor de TO, juntamente com a Nise da Silveira. Utilizando a musicoterapia, aproveitando seus conhecimentos artísticos, já que além de enfermeira, assistente social, também era cantora e compositora.

O ateliê de pintura, quando começou, vivenciou um período de resistências dentro do hospital por outros profissionais da saúde que ainda não conheciam essa forma de tratar. Como por exemplo, o médico Espinheira Filho (2020), que afirma que nunca foi contra a metodologia de trabalho de Nise, sempre reconheceu sua importância para o meio acadêmico da psiquiatria, porém ele queria tratar os pacientes e prepará-los para voltar para a sociedade, enquanto Nise, com o seu olhar sensível e clínico, queria tratá-los e protegê-los:

[...] Eu sempre tive uma divergência com a Nise da Silveira, mas a respeito pela grande importância que teve. Ela era uma protetora dos pacientes, mas, embora sem a perspectiva de uma ressocialização e de que eles voltassem a viver fora. [...] (ESPINHEIRA FILHO, 2020, p.319).

² Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/neurologia/o-que-faz-a-terapia-ocupacional/>

A grande quantidade de pinturas produzidas pelos pacientes incentivados pela Dr. Nise e sua equipe em caráter terapêutico e inovador, permitiu que desenvolvessem análises clínicas dos desenhos, com o objetivo de tratar os pacientes. Com isso, o ateliê se transformou no museu, sob as orientações da Dra. Nise e sua equipe, com um imenso volume de obras produzidas pelos pacientes nos ateliês de pintura, como aborda Silveira (2006, p.13):

Na intenção de realizar pesquisas sobre o desdobramento do processo psicótico, reuni desenhos, pinturas, modelagens. Esse material, colecionado a partir de 1946, acabou por constituir o acervo do Museu de Imagens do Inconsciente [...] (SILVEIRA, 2006, p.13).

3. METODOLOGIA

Este é um trabalho de cunho qualitativo, pois, de acordo com Minayo (2002), visa expor um nível de realidade que não pode ser quantificado. Como método para coletar e analisar os dados, utilizamos a pesquisa bibliográfica, que segundo Lima e Mito (2007), se define por um conjunto ordenado de busca de soluções, atento ao objeto de estudo, que no caso desta pesquisa, foram os artigos científicos, e que por isso não podem ser aleatórios.

Na coleta de dados, utilizamos a base de dados *Google Acadêmico*. Foram utilizados os critérios de busca disponíveis na plataforma, dos quais utilizamos: “sem delimitação temporal; classificar por relevância; em qualquer idioma; e desmarcando a opção “incluir citações” com o objetivo de trazer para esta pesquisa o maior volume de dados diretos possível. Utilizamos os termos “Museu de Imagens do Inconsciente” combinado com “ciência e arte”, pesquisando exatamente com essas palavras e entre aspas.

Houve um baixo número de resultados, sendo utilizado em sua totalidade. Com isso, recuperamos trinta e seis resultados: sete artigos; seis teses; quinze dissertações; quatro monografias, quatro livros e documentos.

Para esta análise, embora todos os trabalhos recuperados tenham sua devida importância, escolhemos focar em artigos científicos. Nossa opção se justifica na medida em que artigos científicos tem um maior alcance de público, sendo amplamente divulgado por revistas científicas, apresentam uma maior abordagem de variedades de áreas temáticas e ter mais facilidade de acesso.

Para iniciar a análise dos sete artigos, foi utilizada como técnica inicial a leitura seletiva, que consiste em selecionar as informações e dados relevantes para determinar o que de fato importa (SALVADOR, 1986, *apud* Lima; Mito, 2007). Seguindo essa metodologia de análise, escolhemos os resumos e as palavras-chaves, com o objetivo de encontrar a expressão “ciência e arte” e “Museu de Imagens do Inconsciente” de forma direta e/ou indireta. Após essa etapa, houve a exclusão de um artigo, pois o texto não apresentou conteúdo pertinente para a pesquisa, de acordo com o objetivo deste estudo. Portanto, nossa amostra para análise totalizou em seis artigos.

Por último, pautamos nossa análise em critérios qualitativos, em relação ao conteúdo. Para analisar os seis artigos foram criadas duas categorias: teórica

(artigos que abordam a questão dos conceitos sobre ciência e arte) e prática (artigos que falam da ciência e arte sendo colocada em prática no museu ou em outros espaços). Essas categorias foram inspiradas na metodologia de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2016), é um conjunto de técnicas, que indica várias maneiras de analisar materiais de pesquisas. Cabe ressaltar, que para esta pesquisa, não nos aprofundamos nas técnicas da análise de conteúdo. Utilizamos apenas a etapa da categorização, sugerida por Bardin, com o objetivo de expressar como a ciência e arte é abordada nos artigos que falam sobre o MII, por meio da elaboração de categorias.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Embora não tenha havido restrição temporal no momento da coleta de dados da pesquisa bibliográfica, os artigos encontrados foram publicados apenas a partir de 2010. Com isso, evidencia-se que, embora a relevância do museu para toda a sociedade seja indiscutível, talvez os olhares de pesquisadores sobre quais formas de escrever e publicar, sobre a relação entre ciência e arte no MII, tenha começado a partir de 2010.

Em relação aos títulos, verificamos que dos seis artigos selecionados para análise, cinco não são diretamente sobre o MII, embora o museu e sua história sejam citados no decorrer dos textos, mas de forma indireta, se relacionando a questão da ciência e arte. Somente no artigo A, que traz em seu título: “Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte”, podemos deduzir que é um texto que aborda, de forma direta, a história e legado da psiquiatria, relatando sobre o MII e o trabalho terapêutico realizado naquele espaço, como podemos encontrar em outros textos na literatura sobre a médica.

Para expor os resultados desta pesquisa, foram extraídos um ou dois trechos de cada artigo, com o objetivo de demonstrar a expressão “ciência e arte” ou palavras correlatas, que se enquadrem em alguma ou nas duas categorias: prática (artigos que abordam as ações ou atividades, com ciência e arte); teórica (artigos que apresentaram os conceitos ou discussões sobre ciência e arte).

Os resultados abaixo apresentados são sobre os seis artigos científicos, que foram denominados em: A, B, C, D, E, F. Para iniciar a discussão desta pesquisa, foram destacados também: autorias, títulos; ano de publicação e uma breve descrição de cada artigo (tabela 1):

Tabela1- Resultado dos artigos encontrados na pesquisa bibliográfica no Google Acadêmico.

Código do artigo	Ano de publicação	Autor (es)	Título	Ciência e arte abordada, nos artigos sobre o MII
A	2010	Melo	Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte	Neste artigo, ciência e arte foi apresentada, por meio da produção de um filme que retrata a história do museu e de seus pacientes, o autor discorre sobre o filme produzido com um dos pacientes de Nise da Silveira.
B	2012	Toledo	Entre a Arte e a Terapia: as “imagens do inconsciente” e o surgimento de novos artistas	A abordagem é realizada, no contexto da ciência e arte no MII, em relação ao surgimento de novos artistas.
C	2014	Dewulf	Vivências artísticas de uma farmacêutica: a arte e suas interfaces	Este artigo aborda as experiências artísticas da autora, que é farmacêutica, com a arte e a ciência, palavras expostas no texto nessa ordem.
D	2018	Gaspar e Anjos	Divulgação científica e linguagem cinematográfica: Um estudo bibliográfico	Este texto, aborda a história do Museu de Imagens do Inconsciente, expressa em linguagem cinematográfica, e de que forma a ciência e arte, auxilia no contexto da divulgação científica.
E	2019	Cruz Júnior	Do asilo ao museu: as primeiras exposições das coleções da loucura no Brasil	Este artigo tem um enfoque direto sobre o MII e suas coleções da loucura, mas também discorre sobre outros museus, com coleções similares. Não citando ciência e arte, apenas trechos que contêm traços dessa temática.
F	2020	Costa	Museus fazem bem à saúde?: Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI	Este artigo aborda a relação entre museus e a saúde cultural da sociedade.

Fonte: A autora (2022)

Artigo A

Título: Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte (MELO, 2010)

Neste artigo, ciência e arte foi apresentada por meio da produção de um filme que retrata a história do museu e de seus pacientes. O autor discorre sobre o filme produzido com um dos pacientes de Nise da Silveira. Se encaixa na categoria prática devido às atividades artística que eram realizadas com os pacientes e relatadas, porém dentro de um contexto cinematográfico, sendo

encontrada, uma expressão exata “ciência e arte”, como podemos ver nos trechos, a seguir:

“O crítico de cinema José Carlos Avellar (2001) já havia notado que o filme Em Busca do Espaço Cotidiano, além de ter as características de estudo do itinerário psíquico, de interligar ciência e arte, de debater com a sociedade em geral as condições de tratamento dos doentes mentais, pode ser visto também como trabalho metalinguístico. [...]” (p.649).

“[...] O trabalho terapêutico e de reabilitação psicossocial desenvolvido por Nise da Silveira tem como característica o estabelecimento de importantes conexões com o campo das artes, possibilitando o diálogo com toda a sociedade. [...]” (p. 633).

Neste artigo, também é possível perceber pelo título que o autor traz um viés político, social e artístico, assim como Frayze-Pereira (2003), que discute sob campos similares envolvendo a questão da psicologia, arte e política. Discute também a importância da abordagem da ciência e arte para a valorização e visibilidade, para toda a sociedade, do potencial artístico e o tratamento terapêutico humanizado daqueles indivíduos internados no hospital psiquiátrico, que deu origem ao museu. Como afirma:

Em outras palavras, as obras produzidas no Museu e que aí permanecem conservadas valem por sua significação expressiva e terapêutica, isto é, à medida que oferecem ao estudioso um meio de acesso ao mundo interno dos esquizofrênicos, assim como, ao paciente, um instrumento de transformação da realidade interna e externa. Há, no entanto, uma aceitação tácita de que as criações dos pacientes são verdadeiras obras de arte, à medida que a autêntica obra de arte é, segundo Nise da Silveira, uma “produção impessoal”, isto é, uma expressão do inconsciente coletivo (FRAYZE-PEREIRA, 2003, p. 202).

Artigo B

Título: Entre a Arte e a Terapia: as “imagens do inconsciente” e o surgimento de novos artistas (TOLEDO, 2012).

A autora aborda a questão da ciência e arte no museu, mas não exatamente usando essa expressão, como pode se notar no título “Entre a Arte e Terapia” e no trecho abaixo destacado. Se enquadra na categoria teórica, pois discorre sobre o MII sob o viés do campo artístico em relação ao surgimento de novos artistas.

“No campo da psiquiatria, ocorreu uma mudança importante na concepção do caráter expressivo das imagens, que se deve ao encontro não apenas com o campo da psicanálise como também com discursos do próprio campo artístico [...]” (p. 7).

Assim como Toledo (2012), Villa Boas (2008) aborda a questão da ciência e arte no MII e a importância desse museu também para o campo artístico, mas focado no surgimento de novos artistas.

A experiência sui generis do ateliê deslocou o eixo da crítica de arte dos meios acadêmicos, oficiais e literários para os meios terapêuticos, científicos e jornalísticos, fazendo da relação entre arte e loucura o centro do debate sobre o processo criativo e a formação do artista; além disso, propiciou a conversão de jovens artistas plásticos da arte figurativa à arte concreta, redefinindo o seu papel e possibilitando a escolha entre abraçar ou abandonar a missão de pintar os “retratos do Brasil” (VILLAS BÔAS, 2008, p. 198).

Artigo C

Título: Vivências artísticas de uma farmacêutica: a arte e suas interfaces (DEWULF, 2014)

Este artigo aborda as experiências artísticas da autora, que é farmacêutica, com a arte e a ciência. O artigo discorre diretamente sobre a relação ciência e arte, porém não sendo um artigo que seja especificamente sobre o MII. Sua história foi citada como referência para as vivências da autora nesses dois campos do conhecimento. Se enquadra, portanto, na categoria prática.

Fraga (2018), aborda que os resultados poéticos e estéticos que usam como base as ciências podem ser mecanismos de transformações, sendo esse o papel social e cultural de qualquer trabalho de arte. Essa afirmação corrobora os argumentos da autora (DEWULF, 2014), que discorre em seu artigo sobre a importância da ciência e arte, na sua vida profissional e os diversos caminhos que a ciência e arte podem percorrer, como podemos observar nos dois trechos abaixo retirados do artigo:

“Ao longo desses trabalhos, pude observar e perceber como a arte e sua interface com a ciência estão intimamente ligadas à minha profissão. A arte e a ciência podem apresentar diversas formas de relação, tanto como a complementação de conhecimentos, como o desenvolvimento de capacidades subjetivas de criação, de expressão e de crítica” (p. 142).

“A arte realiza interfaces com diversas áreas, como a educação, podendo proporcionar o desenvolvimento de valores, gosto pelo trabalho e habilidades com a linguagem, além do desenvolvimento do pensamento crítico. Pensamento este necessário para ciência, sendo esta uma das relações que a arte tem potencial em realizar, podendo também se apresentar de forma complementar” (p.1).

Podemos concluir que nesse artigo, a Ciência e Arte foi abordada na categoria prática e, embora o texto em questão não seja diretamente sobre o MII, traz uma importante contribuição para o campo da Ciência e Arte.

Artigo D

Título: Divulgação científica e linguagem cinematográfica: Um estudo bibliográfico, (GASPAR E ANJOS, 2018)

Diferentemente do artigo A, este texto aborda a história do Museu de Imagens do Inconsciente, expressa em linguagem cinematográfica, e a forma como a ciência e arte auxilia no contexto da divulgação científica. A expressão ciência e arte aparece de forma explícita. O artigo pertence à categoria teórica, por trazer um estudo oriundo de pesquisa documental e bibliográfica. Abaixo, trecho destacado:

“Objetivamos analisar de que forma a história do Museu de Imagens e Inconsciente, veiculada em linguagem cinematográfica no documentário “Imagens do Inconsciente”, de Hirzman, auxilia a ciência e a arte no universo da divulgação científica. Para o desenvolvimento da narrativa acerca do objeto em epígrafe assumimos um breve estudo, de natureza qualitativa, por meio da leitura de bibliografia acadêmica, na busca de conhecimentos sobre a história do Museu de Imagem do Inconsciente, na expressão de ciência e arte utilizada na terapia e na divulgação científica” (p. 2).

Como Gaspar e Anjos (2018), Feitosa (2021) argumenta e complementa a relação entre a ciência e arte e a divulgação científica, que ocorrem no MII e em outros espaços museais. Como afirma:

O debate sobre a Sci-Art na educação em seus múltiplos espaços (formal, informal e não formal), sobretudo no que diz respeito à divulgação científica e ensino de ciências. É importante que a universidade e centros de pesquisa, espaços formadores de cientistas e artistas, reconheçam o papel interdisciplinar que a abordagem da intersecção ciência e arte pode oferecer para a formação humana, contribuindo para a indissociabilidade do trinômio ensino, pesquisa e extensão (FEITOSA, 2021, p.15).

Artigo E

Título: Do asilo ao museu: as primeiras exposições das coleções da loucura no Brasil, (CRUZ JÚNIOR, 2019)

Este artigo tem um enfoque direto sobre o Museu de Imagens do Inconsciente e suas coleções da loucura, mas também discorre sobre outros museus, com coleções similares. Não cita ciência e arte diretamente, porém existem trechos que apresentam traços dessa temática, demonstrado que, quando se aborda sobre as coleções do MII, é inevitável não falar sobre ciência e arte. Pertence à categoria prática, quando expõe sobre as características das coleções da loucura, conforme podemos observar nos trechos:

“Em 1946, psiquiatra Nise da Silveira (1905-1999) e o artista Almir Mavignier (1925-2018) deram início ao ateliê de pintura da Seção de Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Nacional, no Rio de Janeiro. A obras criadas nesse ateliê deram origem, em 1952, ao Museu de Imagens do Inconsciente, cuja coleção é considerada a maior do mundo no gênero, com cerca de 450 mil obras” (p.208-209).

“Essa exposição foi importantíssima para o percurso da arte dos loucos no Brasil. A presença do artista Almir Mavignier ao lado da carismática Nise da Silveira, o ineditismo da realização, a qualidade das obras, despertaram vivo interesse em psicólogos, críticos de arte, artistas e educadores, recebendo também intensa cobertura da imprensa” (p.209-210).

Artigo F

Título: Museus fazem bem à saúde?: Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI (COSTA, 2020)

Este artigo aborda a relação entre museus e a saúde cultural da sociedade. Se enquadra dentro da categoria prática, porque aborda as atividades de um projeto específico, que ocorreu no MII e em outros museus, e relacionando esses espaços com a questão da ciência e arte. A expressão ciência e arte é citada de maneira indireta, com a inversão das palavras “arte e ciência”, e juntamente com outras áreas, como tecnologia.

“O Museu de Imagens do Inconsciente foi palco de várias atividades artísticas com os pacientes que eram estimulados a apreciar e a reagir diante das obras de pessoas com questões semelhantes às deles, no período de 2008 a 2015. Um diálogo frutífero aconteceu, alguns voltaram a produzir mais nos ateliês de arteterapia, outros conversavam mais e expunham suas preocupações e alegrias, todos interagiram mais e melhor uns com os outros e com os mediadores culturais que participavam do movimento Ocupa Nise” (p.152).

Os museus, independentemente de suas características, além de promover o acesso ao conhecimento para a sociedade, também tem a questão de fazer bem para a saúde como um todo, nas questões físicas, mentais e cognitivas. Assim como a criação do ateliê de Nise da Silveira, e posteriormente a criação do MII, que segundo a literatura, foi muito benéfico e relevante para os pacientes, como complementa Biella (2018), do impacto positivo para a saúde das pessoas em ter a acesso a atividades culturais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre Ciência e Arte e o Museu de Imagens do Inconsciente, desde o surgimento do ateliê até a criação do museu, a literatura consultada e analisada nesta pesquisa, nos confirma a estreita relação entre ciência e arte e as obras produzidas por pacientes com transtornos mentais, exposta neste espaço museal. O objetivo deste trabalho não foi comprovar a relação existente, e sim observar e analisar como os autores publicaram sobre ciência e arte e sua relação com o MII, sobre qual viés, político, artístico, etc.

A maioria dos artigos: A, C, E, F se encontram na categoria prática, e ao mesmo tempo esses quatro textos abordam a questão da ciência e arte, que ocorre no MII. Talvez, possamos supor com este resultado, que a ciência e arte seja melhor entendida e assimilada em suas práticas, enquanto os outros artigos B e D, evidenciaram as bases teóricas do campo da Ciência e Arte.

6. REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>>. Acesso em 7 dez 2021.
- BIELLA, A. A. Tecendo vínculos – a potência dos encontros entre saúde e arte no museu. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ACESSIBILIDADE EM MUSEUS E ESPAÇOS CULTURAIS, 2018, p.185-193. Disponível em <<https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/338/1593182157368300471.pdf#page=185>>. Acesso em 2 fev. 2022
- COSTA, H. H. F. G. Museus fazem bem à saúde?: uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 17, p. 147-157, 2020. Disponível em <<https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/29475/26140>> . Acesso em 6 set 2021
- CRUZ JÚNIOR, E. G. da. Do asilo ao museu: as primeiras exposições das coleções da loucura no Brasil. **Museu e Patrimônio UNIRIO/ MAST**, vol.12, n. 2, p. 2019. Disponível em <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/58/690>>. Acesso em 16 jan. 2022
- DEWULF, N. de L. S. Vivências artísticas de uma farmacêutica: a arte e suas interfaces. **Revista UFG**, v. 15, n. 15, 2014. Disponível em <<https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48529/23834>>. Acesso em 6 set 2021
- ESPINHEIRA FILHO, C. “... Cada instituição fica meio com a cara da população a que serve...”. [Entrevista cedida a] Laércio Martins. **Teoria Jurídica Contemporânea**, v. 5, n. 1, p. 308-327, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rjur/article/view/27648/19936>>. Acesso em 15 jun 2021
- FEITOSA, R. A. Uma revisão sistemática da literatura sobre pesquisas na interface ciência e arte. **Revista Prática Docente**, v. 6, n. 1, p.1-20, 2021. Disponível em <<http://200.129.244.167/periodicos/index.php/rpd/article/view/987/448>>. Acesso em 1 fev. 2022
- FRAGA, T. Reflexões sobre arte e ciência, arte computacional aplicada em arte, arquitetura e design. **DAT Journal**, v. 3, n. 1, p. 120-130, 2018. Disponível em <<https://datjournal.anhemi.br/dat/article/view/76/67>>. Acesso em 16 jan. 2022

FRAYZE-PEREIRA, J. A. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estudos Avançados**, v. 17, p. 197-208, 2003. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/DXNtq8VnSpjxsh5YvgYX8qM/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 31 jan. 2022

GASPAR, D. de B.; DOS ANJOS, M. B. Divulgação científica e linguagem cinematográfica: um estudo bibliográfico. **Revista do EDICC**, v. 4, n. 4, 2018. Disponível em <<https://revistas.iel.unicamp.br/index.php/edicc/article/view/5838/6344> >. Acesso em 6 set 2021

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C.T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis**, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 17 nov. 2021

MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; ALMEIDA, C. Para que um diálogo entre ciência e arte?. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 13, p. 7-10, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3861/386137997001.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2019.

MELO, W. Nise da Silveira, Fernando Diniz e Leon Hirszman: política, sociedade e arte. **Psicologia USP**, v. 21, p. 633-652, 2010. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/nDLSQHNmwHHdKMD4B4Xv5Pq/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso 6 set 2021

MENEZES, M.; GRAÇA, L. Bio-Arte: Interseção de Duas Culturas. In: Ciência e Bioarte: Encruzilhadas e Desafios Éticos. **Casal de Cambra: Caleidoscópico**, 2007, p.23–36. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/4403/1/Costa_2007.pdf>. Acesso em 7 jul. 2020

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 21ª ed. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.

OLIVEIRA, Cristina Barros. A relação entre arte e ciência na bioarte: estudo do caso da obra Nature? (1999-2000) de Marta de Menezes. **MIDAS. Museus e estudos interdisciplinares**, n. 5, 2015.

SAWADA, A.C. M. B.; FERREIRA, F. R.; ARAÚJO-JORGE, T. C. de. Cienciarte ou ciência e arte? Refletindo sobre uma conexão essencial. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, v. 13, n. 3, p. 158-177, 2017. Disponível em <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/9810/pdf>> Acesso em 20 abr. 2021

SILVA, J. A. P.; NEVES, M. C. D. Arte e ciência: possibilidades de reaproximações na contemporaneidade. **Interciência**, 2015, p.423-432. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=33938675010>>. Acesso em 27 abr. 2021.

SILVEIRA, N. da. Retrospectiva de um trabalho vivido no Centro Psiquiátrico Pedro II do Rio de Janeiro. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, v. 9, n. 1, p. 138-150, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v9n1/1415-4714-rlpf-9-1-0138.pdf>>. Acesso em 11 set 2019.

TOLEDO, M. S. R. de. Entre a Arte e a Terapia: as “imagens do inconsciente” e o surgimento de novos artistas. **PROA Revista de Antropologia e Arte**, v. 1, n. 3, 1 nov. 2012. Disponível em <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/2422/1833>>. Acesso em 12 jun 2021.

VILLAS BÔAS, G. A estética da conversão: O ateliê do Engenho de Dentro e a arte concreta carioca (1946-1951). **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, v. 20, n. 2, 2008. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ts/a/TycDtQdLyYyJfWMy3hrFGSN/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 1 fev. 2022.